



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**CLEUZA MARIA AGUIAR DOS SANTOS**

**A PRODUÇÃO DE TEXTO A PARTIR DA LEITURA DE  
CONTOS DE FADA**

Trabalho de conclusão de atividades  
do Programa de Desenvolvimento  
Educativo. PDE – 2007.

## **A PRODUÇÃO DE TEXTO A PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE FADA**

SANTOS, Cleuza Maria Aguiar dos<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

O referido artigo tem por objetivo divulgar a pesquisa e Implementação da Proposta de Intervenção em uma escola pública do Estado do Paraná de encaminhar os alunos da 5ª série da Educação Básica para a produção de textos a partir da leitura de obras do Gênero Contos de Fada. Objetiva ainda comprovar a necessidade de para o aluno produzir texto ter explicitadas claramente as condições de produção difundidas na obra de Geraldí, bem como a importância de o mesmo conhecer o gênero textual antes de efetuar a produção, o que lhe garantirá segurança ao redigir. Enfim, comprovar que a escrita, atividade considerada penosa pelos educandos, pode ser menos árdua e por que não, uma atividade prazerosa. Sabendo-se que este prazer só será possível quando o educando sentir a necessidade de produzir texto, a segurança advinda da convicção do saber fazê-lo e, acima de tudo, encontrar sentido no seu texto e uma razão para fazê-lo. Logo, enfrentar os desafios que afastam os educandos da produção é tarefa de cada educador que trabalha com o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Produção de texto. Contos de Fada. Sentido.

---

<sup>1</sup> Professora da Rede Estadual de Educação, formada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Londrina e pós graduada em Metodologia do Ensino de 1º e 2º graus pelo Cesulon. Participante do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE - 2007.

## **THE TEXT PRODUCTION ONCE THE FAIRY TALES HAD BEEN READ**

### **ABSTRACT:**

This article aims to disseminate the research and implementation of the Intervention Proposal in a public school in the state of Paraná to lead 5<sup>th</sup> graders of basic education to text production once they have read fairy tale genre texts. It also aims to confirm the student need to produce once the production conditions broadcasted in Gerald's work had been explained, as well the importance of being familiar with the textual genre before starting the production, which will ensure security about writing. To prove that the writing, a considered painful activity by students, can be less difficult and why not, a pleasurable activity. It is known that this pleasure will only be possible when the student starts to need producing a text, the coming security from the conviction of knowing how to do it, and above all things, find a point in its text and a reason to do so. So, to face the challenges that pushes away the students from production is task for every teacher who works with the teaching-learning of Portuguese Language.

**KEY-WORDS:** Reading. Production of text. Fairy tales from. Sense.

## INTRODUÇÃO

O referido artigo é resultado de pesquisa realizada durante o curso de formação continuada “Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE -“ organizado pela Secretária de Estado da Educação. A atividade constava de quatro períodos de seis meses cada, havendo, em cada período, uma série de atividades: desde estudos e pesquisas até a elaboração de um Plano de Trabalho, Material Didático e finalmente de um artigo científico a serem utilizados posteriormente pelo professor cursista, nomeado professor PDE, em sua sala de aula, na escola de lotação, com seus alunos.

Nos dois primeiros períodos, primeiro ano de curso, 2007, aos educadores participantes foi possibilitado o afastamento integral de suas atividades de docência, o que favoreceu os estudos a cerca de um determinado tema a ser depois abarcado em seu Plano de Trabalho e publicações posteriores.

Os estudos se pautaram na produção de texto, tendo como referencial teórico a Lingüística Textual, bem como as noções de Gênero, sob a orientação do Professor Doutor Paulo de Tarso Galembeck, da Universidade Estadual de Londrina, instituição onde ocorreu grande parte das atividades constantes do curso.

Objetivamos, com o referido trabalho, encaminhar os educandos à produção textual a partir da leitura e análise de textos do Gênero Contos de Fada. Para tanto, centramos nossos estudos nos entraves presentes em sala de aula quando o professor propõe uma atividade de produção, conforme tão bem coloca Geraldi: as condições básicas para a produção, ou mais precisamente a falta delas. Alguns entraves foram facilmente resolvidos quando o professor propôs um Plano de Trabalho, e não apenas mais uma atividade de produção isolada sem finalidade específica.

No terceiro período do curso, colocou-se o Plano de Trabalho elaborado em prática, recebendo o nome de Proposta de Implementação na Escola. Para tanto, foi necessário que o professor PDE entrasse em contato com a direção e equipe pedagógica de sua escola de lotação, o que foi fácil, uma vez que nestes dois últimos períodos do curso, o professor havia retornado à sua escola de lotação com 30 de suas quarenta horas-aula, ficando dez horas ainda reservadas para estudo e atividades diversas. Ao levar o Plano de Trabalho para avaliação dos gestores da escola e

posteriormente aos demais professores, o Plano começou a ganhar corpo e adesão de outros, o que em muito possibilitou a obtenção dos resultados esperados.

A Implantação da Proposta na escola seguiu um cronograma a ser detalhado posteriormente, uma vez que por uma questão puramente didática dividiremos o desenvolvimento em itens distintos, sendo:

1. Embasamento teórico.
2. Detalhamento da Proposta de Implementação na escola.
3. Metodologia utilizada na Implementação da Proposta na escola.
4. Resultado obtido.

## **1. Embasamento Teórico**

O enfoque de nosso trabalho será a produção de texto, especificamente a produção de texto em língua portuguesa, para tanto, faz-se necessário primeiramente pontuar de onde advém a dificuldade relatada pelos educandos em produzir textos escritos. Perini (2005, p.35) questiona se no Brasil falamos a mesma língua que escrevemos e lemos. Como resposta, estabelece uma distinção entre as duas línguas existentes no Brasil: O vernáculo, a língua falada, e o português, a língua escrita e ainda salienta ser esta uma das dificuldades de se trabalhar a produção de textos escritos em sala de aula.

Acho que não é necessário continuar. As diferenças são muitas, como todos sabemos. Elas constituem uma das dificuldades principais que enfrentamos na escola, ao tentar produzir textos escritos. Aliás, por que temos tanta dificuldade em escrever textos em português? Não é a nossa língua materna? A resposta é simples, mas pode surpreender alguns: não, o português (que aparece nos textos escritos) não é a nossa língua materna. A língua que aprendemos com nossos pais, irmãos e avós é a mesma que falamos, mas não a que escrevemos (PERINI. 2005, p.35).

Analisando a colocação de Perini já elaboramos um primeiro problema a ser solucionado pelo educando ao produzir seu texto: em que língua irá produzir, em vernáculo ou em português?

Outro ponto se faz necessário analisar: para quem deverá o aluno escrever? Ele deverá escrever tendo em mente um leitor e uma finalidade específica, adequando o gênero textual à finalidade e não apenas para preencher uma folha de papel em branco destinada a um único leitor, o professor.

A preocupação do educador deve ser levar o aluno a ter o que dizer, saber como dizer, ou seja, construir enunciados coerentes através da linguagem escrita, adequando a mesma ao gênero textual, no caso os Contos de Fada. Como instrumentalizá-lo na organização do texto escrito e, acima de tudo, fazer com que ele perceba a importância e a necessidade de se expressar por meio da escrita?

Finalmente, o que os educadores podem e devem fazer para levar seus pequenos aprendizes a se tornarem competentes produtores de texto, como auxiliá-los nessa difícil, porém, gratificante tarefa? Por onde começar, que caminho seguir?

Questionamentos como os acima, tão presentes no cotidiano dos educadores, levam os mesmos a debruçarem sobre a questão e, acima de tudo, buscar saídas ou estratégias que, se não solucionem, ao menos minimizem a questão ou forneçam alguns caminhos a trilhar.

Nosso trabalho não tem a pretensão de oferecer metodologias que dêem conta de resolver a questão da dificuldade de produção de texto dos educandos da escola pública paranaense. Uma vez que a questão exige muito mais conhecimento e prática do que podemos sonhar em oferecer. No entanto, gostaríamos de apresentar uma proposta de trabalho que possibilitasse um caminho entre os tantos existentes.

Para tanto, teremos como objeto de estudo o texto escrito, utilizaremos como corpus os Contos de Fada: “A Bela Adormecida” (Charles Perrault) e “A Bela e a Fera” (Irmãos Grimm), uma vez que nosso objetivo é levar o aluno da quinta série a produzir texto do gênero em estudo.

Teremos como suporte teórico a Lingüística Textual.

A referida proposta tem objetivo geral e objetivos específicos, sendo:

Objetivo geral: Encaminhar o aluno à produção de textos da ordem do narrar, a partir dos textos lidos, pertencentes ao gênero conto de fadas.

Objetivos específicos: Além de oferecer ao aluno material de leitura que viabilize a proposta;

- Levar o aluno, por meio da leitura e posterior discussão com os colegas, a conhecer a estrutura dos Contos de Fada;
- Adequar a linguagem ao gênero textual solicitado;
- Observar como se constrói o sentido do texto do gênero determinado.

- Oferecer estratégias que orientem o aluno na produção de texto;
- Escrever para um determinado leitor (ter claro quem será seu interlocutor).

Uma vez que pretendemos trabalhar com a língua portuguesa, mais precisamente com a produção de texto em língua portuguesa, nada mais significativo do que iniciarmos nosso trabalho com as respectivas definições do que seja língua e do que seja texto. Nas referidas conceituações, tomaremos como base a lingüística textual:

A concepção mais recente de língua é a concepção discursiva que vê a língua como instrumento de interação entre seres humanos numa dada situação ou contexto sócio-histórico, conforme expressa Geraldi (1984, p. 43):

A linguagem é uma forma de inter-ação: mais do que possibilitar uma transmissão de informação de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala (GERALDI. 1984, P.43).

É importante levar-se em conta a visão de texto, uma vez que, a partir dessa visão, o mesmo será enfatizado de diferentes formas. O educador deve considerar o texto como uma unidade de sentido, que preenche uma função conforme atesta Koch (1991, p.10), as atividades oferecidas ao educando partirão desta premissa e terão uma finalidade específica.

Texto será entendido como uma unidade lingüística concreta, (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida independente de sua extensão (KOCH. 1991, p.10).

Ao analisarmos os conceitos de língua e de texto, somos levados a perceber que o texto é uma unidade de sentido, mas o que faria um texto ter sentido? Todo texto tem sentido para todos? Onde está centrado o sentido: no texto, no produtor ou no leitor? Ou estará o sentido de um texto centrado na capacidade do leitor de atribuir significado ao texto.

O texto deve ser entendido como uma unidade discursiva em que se reconhece sentido ou como unidade potencializadora de sentidos. A própria etimologia da palavra texto (do latim textu, que significa tecido) aponta para essa unidade semântica. Se um tecido constitui-se da juntura, do entrelaçamento de fios dos mais diversos tipos, também o texto, como "tecido" verbal, pressupõe um entrelaçamento, uma "amarração" de todas as partes que o constituem. Assim, pode-se dizer que os sentidos de um texto estão menos na intenção de seu autor que na capacidade do leitor de perceber os entrelaçamentos e atribuir-lhes significado (DIRETRIZES CURRICULARES. 2006, p.22).

Um texto não tem sentido por si mesmo, o sentido de um texto se cria na interação entre leitor e texto e a interação só é possível se houver a inserção do texto num dado contexto sócio-cognitivo.

O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Linguística Textual abrange, portanto, não só o co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sócio-cognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. Ele engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal (KOCH. 2002, p.21).

Apenas ter sentido basta para que um texto possa ser considerado um texto? Segundo Val (1999, p.5) para que um texto seja considerado um texto é preciso que ele apresente sete características básicas: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade, ou seja, o sentido é apenas uma das sete características fundamentais para que um texto seja considerado como tal.

Chama-se textualidade ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma seqüência de frases. Beaugrande & Dressler(1983) apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer: a coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e lingüístico do texto, e a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo (VAL. 1999, p.5).

Será que o aluno tem dificuldade em produzir texto porque lhe falta o contexto? Ou lhe faltam as noções básicas relativas à textualidade? Como instrumentalizar o aluno para atingir esse objetivo?

É comum ouvirmos leigos e educadores mencionarem o fato de que os alunos não escrevem “bons” textos, porque não lêem ou lêem pouco. Seria a leitura fator preponderante para construção de contexto? Ou a vivência e experiência? Ou as visões de mundo dos mesmos? Ou um acúmulo de tudo isso? Ou nossos educandos não produzem “bons” textos, porque não são estimulados adequadamente para tal?

Ao depararmos-nos com a questão acima somos obrigados a assumir que o baixo índice de leitura dos educandos dificulta a construção de um contexto, tornando quase impossível a produção, pela dificuldade de produzir texto sem ter um conhecimento prévio do assunto. No entanto, o referido conhecimento só é construído a partir de leituras, vivências e experiências que ficam armazenadas na memória. Logo

quanto mais leitura, vivência e experiência, mais informação arquivada na memória tem o produtor, o que possivelmente levará o educando a produzir textos com maior facilidade do que aquele que tem pouquíssimas leituras, vivências e experiências armazenadas.

No entanto, a solicitação, o momento da produção e o destino que será dado ao texto também são fundamentais, é diferente o aluno produzir um texto simplesmente para ser corrigido pelo professor, para ser divulgado em jornais periódicos de sua cidade ou para ser afixado em mural na própria escola. O destino dado ao texto e a solicitação despertam no aluno diferentes visões diante da atividade de produção, isso já ganha pelo aluno enfoque diferente, ou seja, que incentivo há em produzir um texto simplesmente para ser lido, com os olhos corretores do professor? Será o mesmo que produzir um texto que terá outro destino? Quando nos reportamos a tal fato, estamos enfatizando que a produção de texto precisa ter um sentido para o aluno, não pode ser considerada um fim em si mesmo, não se tem estímulo algum em produzir um texto que após ser lido pelo professor não tenha um destino nobre.

É preciso que o professor entenda a linguagem como elemento de interação e tenha claro o que é texto e não o veja como uma estrutura acabada (produto) e sim como resultado de uma atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes que coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza, ter claro que todo texto subentende a existência de parceiros: enunciador e enunciatário que interagem pelo e através do texto, conforme atesta Koch em sua obra *O Texto e a Construção dos Sentidos*.

Logo, será tarefa do educador levar o educando a produzir textos, ou seja, brincar e amarrar as palavras a fim de que se transformem em enunciados coesos e que o mesmo tenha sentido.

Diante dessa situação, cabe ao professor perguntar-se o que leva um aluno falante da língua materna, ao ser solicitado a produzir texto se inibir.

Segundo Geraldi (1984, p. 95) a inibição do aluno no momento da produção textual ocorre, porque, na escola, o uso da linguagem é artificial e, segundo ele, é fácil comprovar essa artificialidade:

Comprovar a artificialidade é mais simples do que se imagina: na escola não se produzem textos, escrevem-se redações; não se lêem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos; não se faz análise lingüística, aplicam-se a dados análises pré-existentes. E isto é simular leituras e, por fim, simular a prática científica da análise lingüística (GERALDI. 1984, p. 95).

Os fatos acima já nos levariam a estudar qual o papel destinado ao texto na sala de aula e como a escrita é entendida pelo professor ou pelo aluno.

Outro ponto a ser salientado é o papel do texto na vida do cidadão, uma vez que ele interage com o mundo a sua volta através da linguagem, produz textos ao longo de sua vida.

Ao construir um texto, o produtor recria o mundo de acordo com seus objetivos, propósitos, interesses, convicções, crenças, etc. O mundo criado pelo texto não é, portanto uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor a partir de uma determinada perspectiva, de acordo com determinadas intenções (KOCH apud TRAVAGLIA 1991, p.70).

Isso nos permite concluir que o processo de produção textual é altamente criativo e revela mais do produtor do que se pode imaginar, ou seja, o produtor de texto se revela em seu texto, expondo-se e expondo ainda sua forma de ver o mundo a sua volta. Logo, proporcionar aos educandos atividades de produção textual é possibilitar aos mesmos se colocarem e se afirmarem como sujeitos produtores de conhecimento, autores de seu texto.

“Considero a produção de texto (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/ aprendizagem da língua”. (GERALDI, 1997, p.135). É objetivo do ensino de Língua Portuguesa formar leitores e produtores de texto competentes, tendo em mente que a leitura é condição necessária para a produção. De acordo com Geraldi (1997, p.171), essa idéia se justifica “porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, poderão me levar a construção de novas formas, e assim sucessivamente”, ou seja, a leitura de textos de outros autores, consagrados ou não, proporciona ao educando construir sua forma de pensar e de dizer o que pensa. É preciso ressaltar, ainda, que não nos referimos à leitura apenas como decodificação, mas como construtora de sentidos, leitura do mundo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção entre o texto e o contexto (FREIRE, 1982, p.11).

Ao ler textos de diferentes autores, o educando constrói sua forma de pensar e de dizer o que pensa formando um contexto. Esse contexto, aliás, forma-se a partir de vivências e experiências, mas acima de tudo de leituras, pois, ao ler ou ouvir a forma como o outro diz, o educando passa a construir sua própria forma de dizer, uma das cinco condições básicas de produção de texto.

Retomemos considerações anteriores, que nos forneceram um certo quadro de condições necessárias à produção de um texto: a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constitui como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (o que implica responsabilizar-se, no processo, por suas falas); e) se escolhem as estratégias para realizar (a), (b), (c), (d) (GERALDI, 2003, p.160).

Levando em consideração as cinco condições necessárias à produção de um texto, torna-se visível a importância da leitura para a construção de um contexto que permita ao educando ter o que dizer e o entendimento do que seja um texto e da importância de se dar a palavra ao aluno. Propomos a produção textual a partir da leitura de textos do gênero contos de fada, texto de origem oral, que só posteriormente passou a pertencer à literatura escrita. Escolhemos o gênero contos de fada por se tratar de um gênero que sempre encantou as crianças, por trabalhar com o elemento mágico e por termos em mente que a produção de texto deva se dar por etapa. Um gênero de cada vez conforme coloca Barbosa (2001, P. 5), “não basta aprender a ler e escrever um tipo de texto para que, necessariamente, você aprenda os demais”. Seria ilusão desejar que o educando passasse a ser produtor competente de toda variedade de gênero textual que circula socialmente, sem que estes fossem trabalhados.

Logo, formar um produtor de texto competente é dos objetivos do ensino de língua materna possivelmente o mais difícil, porém o mais compensador, pois somente o domínio efetivo da leitura e da escrita garante ao ser humano o completo exercício da cidadania, enfim ser um produtor de texto competente é a garantia de sucesso na sociedade atual.

É papel da escola possibilitar a seus alunos a apropriação do uso efetivo da língua, levando em conta as três situações do ensino escolar: oralidade, leitura e escrita. O último desses eixos constitui o enfoque desse trabalho, embora tenhamos clareza de que os três eixos não possam ser dissociados, já que o terceiro depende dos

dois primeiros, uma vez que para se produzir textos é necessário que o aluno seja, antes de tudo, um leitor e ainda saiba ouvir.

## **2. Proposta de Implementação na Escola**

Conforme se mencionou na introdução, estaremos nesse item especificando a forma como se efetivou a Implementação da Proposta na Escola. Logo no início do ano letivo corrente, os professores PDE retornaram às suas escolas de origem para assumirem 30 de suas quarenta aulas. Ficaram 10 horas-aulas reservadas para a continuidade dos estudos, monitoramento do GTR e Implementação da Proposta na escola. Iniciou-se o ano letivo com reuniões pedagógicas, na qual foi concedido ao professor PDE um momento para exposição de sua pesquisa e de seu Plano de Trabalho, no qual se incluía a Proposta de Produção de Texto a partir da Leitura de textos do Gênero Contos de fada. Após exposição da Proposta para o quadro de professores e funcionários, deixou-se a disposição o material escrito: Plano de Trabalho e Objeto de Aprendizagem Colaborativa, ambos com a fundamentação teórica da proposta pormenorizada para apreciação dos demais colegas, em especial dos docentes de Língua Portuguesa. Duas professoras de Português de 5ª série da escola demonstraram interesse pela proposta e aderiram-na. Posteriormente implementaram-na em suas turmas. Resolvida a questão, já não implementando a Proposta sozinha, efetuou-se o encaminhamento de um cronograma da implementação da proposta com todas as atividades, sendo:

### **Fevereiro / Março**

1. Leitura de textos da ordem do narrar: contos e lendas em sua maioria retirados da obra: Lendas e Contos Populares do Paraná: Cadernos Paraná da Gente.
1. Ilustração e recontagem dos contos e lendas.
2. Criação de retrato falado pra facilitar na hora da criação das personagens.

### **Abril**

1. Pesquisa sobre o que os alunos conhecem a respeito dos contos de fada.
2. Os alunos relembrou alguns contos e contaram para a sala.

3. Leitura e comentário de texto trabalhando a história do Gênero.
4. Leitura de um conto de fada (A Bela Adormecida) para posterior ilustração e recriação da história.

### **Maio**

1. Leitura de um conto de fadas por cada grupo de 4 a 6 pessoas, sendo: Branca de Neve, Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela Adormecida, A Bela Adormecida no Bosque, A Bela e a Fera e Rapunzel.
2. Apresentação de teatro de fantoches, a partir do conto lido para a turma.
3. Elaboração e comentário de um quadro comparativo dos elementos comuns a todos os contos de fadas, levando-se em consideração os seguintes itens:
  - local: onde se passa a história;
  - tempo em que os fatos ocorreram;
  - observação das personagens;
  - presença ou não de objeto ou ser mágico;
  - observação à situação inicial;
  - verificação de determinada perda;
  - presença de antagonista;
  - presença de desafios a serem enfrentados;
  - recompensa recebida pela protagonista no final do conto;
  - apreciação do conto.
4. Partes de texto trabalhando as características e marcas do Gênero em estudo:
  - a situação inicial e a perda;
  - o tempo e o local;
  - criação de protagonistas e antagonistas;
  - criação do elemento mágico;
  - observação da recompensa;
  - discurso direto e indireto;
  - observação de vocábulos comuns em contos de fada (linguagem formal).

## **Junho**

1. Produção de um conto de fadas em dupla com acompanhamento do professor.
2. Reestruturação coletiva de um conto de fada.
3. Reestruturação individual dos contos de fada.
4. Elaboração do conto de fadas em forma de livro e de sua ilustração.
5. Divulgação do trabalho realizado para a comunidade escolar.
6. Análise feita pelos educadores, educandos e equipe pedagógica da escola dos pontos positivos e negativos da proposta: (Avaliação da Proposta), uma vez que a mesma deverá cumprir a finalidade de levar os alunos a produzirem texto do gênero conto de fadas.

Conforme especificada a Proposta é encaminhar os discentes à produção de texto a partir da leitura de textos do gênero Contos de Fada. No entanto, para que qualquer proposta se efetive a contento, é preciso antes de tudo despertar nos participantes o interesse pela mesma a fim de se atingir os objetivos propostos. Este trabalho se tornou ponto de partida para que se efetivasse a Implementação da Proposta. Buscou-se, primeiramente, levar o alunado a aderir a Proposta, uma vez que o interesse seria primordial para o êxito da mesma.

### **3. Metodologia utilizada na Implementação da Proposta na Escola**

Buscou-se assegurar a efetiva implementação da proposta, ou seja, certificar-se de que educadores e educandos realmente poderiam atingir o objetivo proposto, produzir textos a partir da leitura de textos do Gênero Contos de Fada, em versão atualizada ou não. Nesse sentido, a primeira medida adotada foi divulgar a proposta de tal forma que ambos os grupos aderissem a ela, a fim de despertar nos segundos a vontade de produzir os textos. Isso não foi difícil, principalmente porque mencionamos o objetivo da produção, ou seja, elaborar um livro de Contos de Fada de autoria própria. Lançado o desafio, ele, conforme o esperado foi prontamente aceito pelos alunos de quinta série, pois os mesmos se encontram sempre abertos a novos desafios. Com isso, coube apenas encaminhar o trabalho, conforme cronograma acima. É interessante ressaltar que os conteúdos foram sendo trabalhados de acordo com a

necessidade. Logo os conteúdos passaram a ter sentido, pois não foram trabalhados de forma isolada ou ainda descontextualizados da produção textual.

A princípio, detivemos nosso trabalho na contação de velhas histórias já conhecidas: lendas, contos de fada, histórias de assombração, com a finalidade de resgatar o fato dos Contos de Fada pertencerem primeiramente aos gêneros orais. Também se buscou proporcionar aos discentes a oportunidade de se expressarem e, ainda avaliamos o nível de leitura dos mesmos. Incluímos nesse trabalho também seus familiares que lhes contavam algumas histórias para que eles relatassem oralmente, em sala de aula, para os colegas. Na seqüência, levamos para a sala uma série de títulos de livros do Gênero Contos de fada para leitura. Possibilitamos uma leitura descontraída a princípio, para que os mesmos se familiarizassem com o gênero. Na seqüência, os alunos tiveram a oportunidade de interpretar algumas obras lidas por meio do desenho.

A partir dessas atividades, foi possível avaliar o nível de conhecimento dos discentes com relação ao gênero em estudo. Passou-se então a uma pesquisa a cerca da história do gênero para serem posteriormente socializadas com os demais alunos da turma e a se efetuar leituras dirigidas de obras do gênero em questão. Efetuou-se a leitura feita pela professora em voz alta com pausas para discussões e comentários do livro: A Bela Adormecida, livro que foi recontado e ilustrado individualmente pelo alunado das duas turmas. Durante a leitura da obra, iam-se propondo oralmente questões referentes ao sentido do texto e a estrutura do mesmo. Nesse momento, foi impossível continuar os trabalhos sem introduzir o conteúdo sobre o texto da ordem do narrar, bem como os elementos da narrativa: Personagem, narrador, espaço, tempo, foco narrativo. Para assegurar a apreensão do conteúdo, a professora elaborou material didático específico sobre o mesmo, explicou oralmente e elaborou algumas atividades específicas. Dado o conteúdo, solicitou-se aos alunos que, em grupo de 4 a 6 pessoas, de acordo com a turma, efetuassem a leitura de um dos seguintes contos: Branca de Neve, Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela Adormecida, A Bela Adormecida no Bosque, A Bela e a Fera e Rapunzel e foi solicitado aos mesmos que estivessem atentos aos itens: local onde se passa a história, tempo em que os fatos ocorreram, observação da descrição das personagens. Buscou-se verificar a presença

ou não de objeto ou ser mágico, observação da situação inicial, verificação de determinada perda, presença de antagonistas, presença de desafios a serem enfrentados pelo protagonista, recompensa recebida pelo protagonista no final do conto e apreciação do conto. É importante ressaltar ainda que antes de se passar a atividade foi necessário trabalhar o conteúdo: estrutura dos contos de fada, descrição de personagem e, ainda, a figura de linguagem comparação, uma vez que a mesma aparece insistentemente na descrição da protagonista e da antagonista. Mais uma vez, resalto que os conteúdos eram trabalhados somente quando a continuidade dos trabalhos assim o exigiam, o que seguramente facilitava a apreensão dos conteúdos, pois os mesmos deixavam de ser teóricos e passavam a ser práticos e, acima de tudo, necessários. Os discentes apresentaram a obra lida em grupo, por meio do recurso teatro de fantoches. Na seqüência, educadores e educandos elaboraram em conjunto um quadro comparativo das obras lidas e apresentadas levando em consideração a estrutura do gênero presentes nas obras. Foi possível aos segundos perceber por meio do quadro comparativo a semelhança entre todas as obras lidas, bem como enquadrá-las dentro do gênero em estudo e na seqüência conseguir, após ler uma obra, identificá-la como pertencente ao gênero Contos de Fada. Efetuou-se, então, a leitura de vários textos do gênero, trabalhando-se o conteúdo referente às características e marcas do gênero: a situação inicial e a perda, o tempo e o local, criação de protagonistas e antagonistas, criação do elemento mágico, observação da recompensa e estudo dos vocábulos comuns encontrados nos Contos de fada. Nesse momento, observou-se ainda a necessidade de se incluir o conteúdo discurso direto e indireto, uma vez que as personagens interagem por meio da linguagem e notou-se grande dificuldade em grande parte dos alunos de elaborarem diálogos.

Efetuadas as leituras, estimulou-se os alunos a elaborarem coletivamente o primeiro texto do gênero em estudo, atentando para os detalhes e com a participação do professor fazendo as intervenções necessárias e a reestruturação do texto, adequação vocabular, revisando as marcas do gênero.

Terminada a produção coletiva e efetivadas as intervenções necessárias, desafiou-se os educandos a elaborarem em dupla um texto do gênero em questão. Sem pressa, iniciou-se a escrita da primeira versão do conto, atividade realizada com a

constante supervisão da professora. Findada a primeira versão, a mesma foi encaminhada para apreciação da professora que devolveu feitas as correções e as intervenções necessárias para que se efetuasse a reescrita dos contos, tarefa considerada árdua pelos educando que muitas vezes se recusavam a reescrever. Nesse momento, foi necessário retomar alguns conteúdos como: comparação, discurso direto, bem como intensificar o trabalho de estimulá-los a reescrever o texto até torná-lo o mais consistente possível. Estimulados, realizaram a escrita da segunda versão, bem melhor do que a primeira, mas ainda faltando ao professor realizar algumas intervenções em pontos obscuros a serem revistos posteriormente.

Efetivada a correção individual da segunda versão e efetuadas as intervenções necessárias, a professora, observando a ocorrência de alguns desvios comuns em vários contos produzidos pelos discentes, efetuou a reestruturação coletiva de algumas partes de vários contos no quadro. Na seqüência devolveu os contos a seus produtores. Solicitou aos mesmos, que, agora mais preparados, passassem seus textos a limpo em papel específico, para elaborar o livro, inclusive confeccionar a capa, Nesse ponto foi necessário retomar conteúdos como o uso do parágrafo, separação silábica e do discurso direto, bem como da importância da estética, do uso adequado das cores e do capricho na arte final do livro. No entanto, o estímulo em produzir o livro, que posteriormente seria apreciado por vários leitores foi o ingrediente principal para a efetivação de um trabalho de qualidade tanto literária quanto estética, objetivo central de nossa proposta: Produção de Texto do Gênero Contos de Fada.

#### **4. Resultado Obtido**

O resultado obtido, logo a princípio, superou as expectativas. A decisão de duas professoras da escola de também aderirem e implementarem a Proposta em suas turmas, já deixou claro a viabilidade da mesma. Durante a implementação, outras surpresas nos davam a cada dia ânimo novo, víamos os alunos interagindo uns com os outros e se integrando nas atividades propostas. Observou-se, ainda, que os mesmos sabiam o que faziam e porque o faziam. O entusiasmo com que os discentes realizavam as atividades era visível, talvez por que os conteúdos a serem estudados

apareciam de acordo com a necessidade. Logo, os mesmos passavam a entender o porquê daquele conteúdo, ou seja, o mesmo passava a fazer sentido para eles e, só se constrói um conhecimento a partir do momento em que ele faz sentido. Conteúdos como: discurso direto, pontuação, concordância, adequação vocabular, seqüência narrativa, construção de personagens e/ou outros eram estudados na medida em que a produção textual assim o exigia, o que facilitava e muito a construção desses conhecimentos tão necessários à produção textual, mas de difícil construção quando inseridos de forma descontextualizada.

Era notório que o fato de saber que seus textos teriam um destino bem mais adequado do que apenas ser lido por um professor deixava os educandos dispostos a produzir textos de qualidade, uma vez que os mesmos seriam apreciados por diferentes interlocutores, em diferentes momentos e situações. A proposta de eles elaborarem seu próprio conto de fadas, ou seja, de se verem como autores, em muito os estimulou a escrever e, principalmente, reescrever, tarefa repudiada pelos alunos em situações normais, mas fundamental para a produção de textos, pois é na reescrita que muitas vezes o aluno revê alguns pontos destacados pelo professor e efetua as devidas adequações. Após avaliar todo o processo da produção textual, uma vez que a avaliação é um processo e como tal não poderia nesse momento avaliar apenas o produto final, fica evidente que todos os objetivos gerais foram atingidos com a referida proposta. No entanto, a última versão dos textos dos discentes nos servirá de base para analisarmos os objetivos específicos. Para tanto, esclareceremos quais objetivos foram levados em conta no momento da revisão dos textos, por serem objetivos difíceis de serem mensurados, uma vez que os textos serão avaliados em comparação com os textos anteriores de seus autores, pautaremos a aferição dos resultados de maneira a considerar os objetivos:

1. Objetivos totalmente atendidos.
2. Objetivos parcialmente atendidos.
3. Objetivos não atendidos.

Estaremos também selecionando alguns objetivos fundamentais para a referida análise, uma vez que o educador num único trabalho não dá conta de sanar toda a problemática da produção textual. Com isso, eles ficaram assim dispostos:

1. Adequação ao gênero.
2. Adequação da linguagem.
3. Criatividade.
4. Textualidade.
5. Construção de personagens.
6. Emprego dos conteúdos específicos estudados.

No que se refere aos principais objetivos citados acima e avaliados, é importante ressaltar que todos os textos atenderam, se não totalmente ao menos parcialmente, todos os objetivos propostos. Não encontramos em todos os textos avaliados um só que não estivesse dentro do gênero solicitado, ou que apresentasse linguagem inadequada ao gênero e a proposta. No entanto, no item referente à adequação da linguagem, observou-se grande dificuldade, pois na primeira versão não havia um texto se quer que não apresentasse marcas da oralidade, uma vez que são desvios muito comuns em textos produzidos por alunos, principalmente da série a que nosso trabalho se propõe. Logo foi preciso salientar as expressões, trabalhá-las reestruturando partes dos textos no quadro a fim de que os mesmos passassem a perceber estas marcas em seu texto e trocar as expressões por outras próprias da língua escrita. Apesar de todo o trabalho efetuado ainda na última versão, é possível encontrar ainda algumas marcas da oralidade, ou seja, alguns poucos atingiram apenas parcialmente este dado específico do item adequação da linguagem: marcas da oralidade, no entanto isto não nos preocupa, uma vez que por se tratar de quinta-série nosso objetivo era levá-los a refletir sobre a questão e efetuar algumas substituições e não necessariamente sanar todas as dificuldades, ou seja, abrimos o caminho para que os mesmos, paulatinamente, excluam estas marcas em seus textos futuros. Quanto ao item criatividade, é importante ressaltar que houve textos mais criativos que os outros, mas nenhum se pautou pela falta de criatividade, uma vez que os alunos da série escolhida possuem muita criatividade, devendo ao educador apenas estimulá-los a utilizá-la. No tocante à textualidade, foi um dos itens que mais exigiu do educador, uma vez que houve dificuldade em se alcançar esse objetivo, o que exigiu que o texto fosse reescrito mais vezes do que o programado para que a grande maioria dos educandos atingisse totalmente esse objetivo, uma minoria atendeu apenas parcialmente, mas o

fato em nada nos desestimulou por ser se tratar de discentes de quinta série, que ainda terão bom tempo de estudo para atingirem plenamente este objetivo. A construção de personagem nos surpreendeu, pois foi possibilitado aos educandos construir personagens atuais, mas todos indistintamente optaram por construir personagens tradicionais e vivendo em ambientes tradicionais dos Contos de Fada. Interessante ressaltar que embora fizesse parte da Proposta a construção de Contos de Fada em versão moderna ou não todos optaram pela versão antiga e ao serem questionados pelo professor do porquê desta opção, todos foram unânimes em colocar que gostam dos Contos de Fadas tradicionais, embora em alguns momentos da Implementação da Proposta foram lidas algumas versões contemporâneas.

Quanto ao emprego dos conteúdos estudados, merece realce o discurso direto que foi dentre todos o de maior dificuldade de apreensão, mas que mesmo assim, após várias intervenções todos assimilaram atendendo totalmente as expectativas.

Os demais professores de língua portuguesa que implementaram a proposta ressaltam que seus objetivos foram atingidos.

Finalmente, não poderia deixar de salientar a alegria com que o educador recebe e efetua a referida análise, pois é por demais salutar e estimulante ver os educandos construírem o conhecimento de forma autônoma e com a qualidade necessária, tornando-se um produtor de texto competente no gênero proposto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não pretendemos com o referido artigo fechar questão sobre um dos grandes desafios do professor de Língua Portuguesa, levar o educando a se tornar um produtor de texto competente, pois seria utopia, uma vez que há uma série de gêneros textuais. Ser competente em um gênero já não é tarefa tão simples, logo ser um produtor de texto competente supõe ser competente na produção de todos os gêneros que circulam socialmente, o que torna o desafio mais difícil ainda de ser transposto. Esperamos ter conseguido mostrar que há alguns caminhos que podem possibilitar avanços nessa área, ou pelo menos tornar o trabalho de produção textual menos árido e solitário.

Esperamos que o mesmo possa contribuir para que demais educadores preocupados com a questão realizem trabalhos análogos a este com os demais gêneros textuais que circulam socialmente a fim de levar a produção textual a ter, em sala de aula, o destaque e a importância que merece, bem como tornar o trabalho de produção textual, não um ato mecânico feito por necessidade de nota ou coisa parecida, mas uma atividade que tenha sentido para o educando, para que ele venha a realizá-la com a alegria de se sentir dono, autor mesmo de seu texto e, por que não, de sua vida.

## REFERÊNCIAS

### 1. Obras teóricas e conceituais

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Trabalhando com os Gêneros do Discurso: Narrar: Contos de Fada**. São Paulo: FTD, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 1986.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O Texto na sala de aula**. Paraná: Assoeste, 1984.

\_\_\_\_\_. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2006.

PERINI, A Mário. **Sofrendo a Gramática: Ensaio sobre a linguagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.

## 2. Obras literárias

BELINKY, Tatiana. **A Bela Adormecida no Bosque**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1996.

BRAIDO, Eunice. **A Bela Adormecida**. Coleção Feitiço. São Paulo: FTD.

JAHN, Heloisa. **Contos de Grimm**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

MARQUES, Cristina; BELLI, Roberto. **Clássico Todolivro: A Bela e a Fera**. China: Todolivro.

\_\_\_\_\_. **Clássicos Todolivro: Branca de Neve**. China: Todolivro.

MARTIN, Annie-Claude. **Um tesouro de contos de fadas**. Estados Unidos: Transedition Limited, 1994.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Cultura. **Lendas e Contos Populares do Paraná: Cadernos Paraná da Gente nº 3**. Curitiba: SEED, 2005.

PENTEADO, Maria Heloisa. **Contos de Grimm: A Bela Adormecida – Mãe Nevada**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. **Contos de Grimm: Rapunzel – Os Sete Corvos**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1992

**Uma Viagem ao Mundo das Fábulas e dos Contos: Branca de Neve e os Sete Anões**. São Paulo: Tora kids.